

CÂMARA MUNICIPAL DE DOIS CÓRREGOS
 às Comissões de:

JUSTIÇA E REDAÇÃO

Dois Córregos, 06/10/2022
 Presidente: Ronaldo Aparecido Rodrigues
 Dois Córregos, 22 de setembro de 2022

Ao Oficial Legislativo
 para processamento
22/09/22
[Assinatura]



CÂMARA MUNICIPAL DE DOIS CÓRREGOS

Aprovado em ÚNICA Discussão
 Em 1º OUT 2022
Ronaldo Aparecido Rodrigues
 PRESIDENTE

Ofício Especial

Exmo. Sr. Presidente da Câmara Municipal de Dois Córregos - SP,

Para apreciação, encaminho a esta Casa de Leis o **Projeto de Lei do Legislativo N.12, de 22 de setembro de 2022**, de minha autoria, que **"Confere denominação de Elizabeth Aparecida Nais Meneghetti ao Centro Especializado de Autismo."**

Sem mais, apresento-lhe meus protestos de elevada estima e distinta consideração.

Atenciosamente,

Mara Valdo

MARA SILVIA VALDO

Vereadora

CÂMARA MUNICIPAL DOIS CÓRREGOS
AUTÓGRAFO ENVIADO
 PELO OF. N.º 118 1/10/2022
 DE [Assinatura]
 ASSESSOR DE GABINETE DA PRESIDÊNCIA

Excelentíssimo Senhor
RONALDO APARECIDO RODRIGUES
 Presidente da Câmara Municipal de Dois Córregos – SP

CÂMARA MUNICIPAL
 DOIS CÓRREGOS
 MAIORIA SIMPLES
SIMBÓLICA
 VISTO: [Assinatura]





CÂMARA MUNICIPAL DE DOIS CÓRREGOS

PROJETO DE LEI DO LEGISLATIVO N.12, de 22 de setembro de 2022

Confere denominação de Elizabeth Aparecida Nais Meneghetti ao Centro Especializado de Autismo.

Art. 1º O Centro Especializado de Autismo passa a ser denominado de Elizabeth Aparecida Nais Meneghetti.

Art. 2º Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

JUSTIFICATIVA

Biografia da homenageada em anexo.

Dois Córregos, 22 de setembro de 2022

MARA SILVIA VALDO

Vereadora

2

Av. D. Pedro I, 455 – CEP 17300-000-Dois Córregos – Estado de São Paulo - Brasil
Fones (14) 3652-2033/3652-3553 – E-mail camara@camaradoiscorregos.sp.gov.br

2ª Sessão Legislativa
18ª Legislatura
Projeto de Lei do Legislativo N.12 de 2022

Biografia Resumida

Elizabeth Aparecida Nais Meneghetti

Elizabeth Aparecida Nais, nasceu em 14 Outubro de 1.955, em Boa Esperança do Sul, município da região de Araraquara, interior de São Paulo. Era filha primogênita de Mário Nais, corretor de café e Antonieta Venaruso Nais, trabalhadora rural. Seus pais tiveram mais dois filhos, seus irmãos, Margareth de Fátima Nais e Walter Luiz Nais.

Quando bebê minha mãe recebeu o apelido “Andorinha” de um farmacêutico da cidade de Ponte Alta, quando ela estava doente, pois tinha uma pele branca e cabelo negro e liso, além dos olhos verdes, muito bela.

Aos seis anos de idade, seus pais vieram morar em Dois Córregos, município que pertencente a região de Jaú, estado de São Paulo.

Nesta cidade seus pais compraram uma chácara e lá ela e seus irmãos cresceram com muita dificuldade financeira. Todos os dias minha mãe vinha na cidade andando para ir a escola e como não tinham muitas roupas e calçados, ela vinha descalça e ao chegar na cidade, lavava seus pés e colocava os sapatos para não ter o risco de sujá-los, no intervalo minha mãe via outras crianças trazerem pão com mortadela e ela e sua família não tinha como comprar para poder comer, então sempre passava vontade, além de deixar de beber o leite que vinha na merenda escolar para levar para seu irmão que ficava esperando diariamente. Na chácara tinha pomar de frutas e minha mãe colhia e trazia na cidade para vender, também criava galinhas para serem vendidas na cidade.

Ela contava que com seis anos ajudava a sua mãe a manter a casa limpa, cozinhava e cuidava dos seus irmãos. Para cozinhar ela colocava um banquinho para poder alcançar o fogão.

Quando tinha 13 anos conheceu seu namorado e futuro esposo Élcio Darcy Meneghetti, se apaixonaram e logo começaram a namorar, namoro este que durou 4 anos, minha mãe ficou grávida e aos 17 anos casou e se tornou então Elizabeth Aparecida Nais Meneghetti.

Minha mãe estudava o segundo grau no período diurno e no período noturno o curso de contabilidade, mas não conseguiu finalizar faltando 6 meses, e também não pôde fazer a tão sonhada faculdade, ela queria ser professora.

Este período foi muito difícil, pois na época não era aceitável uma mulher casar grávida, por este motivo, fizeram ela casar de azul marinho, pois não era mais pura e digna de usar vestido branco e não teve festa de casamento e tão pouco ganhou presentes.

Por um período o casal morou na casa dos seus sogros, Augusto Meneghetti e Romilda Maziero Meneghetti durante 6 meses. Posteriormente foram morar na Fazenda Lagoinha em uma casa simples de chão de alvenaria, cama de colchão de palha, guarda roupa, não tinha, as roupas era guardadas na mala e armário de cozinha, também não possuíam, minha mãe improvisou o armário com caixotes de madeira de laranja, na casa não tinha banheiro, ela utilizava o banheiro da casa do funcionário.

O início da vida do casal, meu pai em sociedade com seu irmão Edneo Meneghetti, começaram plantando café, que já vinha esta cultura de seu pai. Minha mãe fazia a sua parte, enquanto meu pai estava cuidando da lavoura, ela estava em casa cuidando do seu primeiro filho Paulo César Meneghetti, limpando a casa, cuidando dos animais, lavando, passando e ajudava meu pai a recolher o café e ia dormir meia noite quase todos os dias e acordava as três horas da manhã para fazer marmitta para meu pai quando saia para locais distantes e na hora do almoço fazia marmitta para seus funcionários e continuava sua rotina diária.

No decorrer deste período minha mãe engravidou novamente, mas como era comum na época sofreu aborto espontâneo antes do terceiro mês de gestação.

Após 5 anos do nascimento do Paulo, nasceu seu segundo filho, Carlos Augusto Meneghetti.

A vida do casal foi melhorando com passar dos anos e assim meu pai comprou uma casa na cidade, na Avenida Capitão João Justiniano dos Santos, e lá com seus 30 anos de idade nasceu sua terceira filha e caçula Monique Maria Meneghetti.

Elizabeth mesmo trabalhando muito sempre conseguia ajudar a todos que a ela procurasse, vinham pedir ajuda com médico, minha mãe resolvia o problema. Precisava de alimento, minha mãe ajudava com cesta básica, ajudava o asilo com leite, manteiga e verduras da fazenda, ajudava a Santa Casa de Dois Córregos, Hospital Amaral Carvalho de Jaú, Casa Abrigo e APAE.

Em uma das fazendas, tinha uma colônia, aonde vinham pessoas do estado do Paraná para trabalhar durante a safra do café e minha mãe ia receber todos eles com uma mesa farta de pão, manteiga, leite e café, pois a viagem tinha sido longa e muitos chegavam cansados e com fome.

Nesta época ela observou que muitas mulheres não iam trabalhar por não ter aonde deixar suas crianças. Sendo assim, minha mãe montou uma creche na colônia e lá tinha café da manhã, almoço, café da tarde e janta para as crianças, elaborada por nutricionista e feita por cozinheira, além do pão e leite de soja que a prefeitura fornecia, tinha também parque para as crianças brincarem e professoras para iniciar a alfabetização, além de cuidadoras para os bebês e crianças menores. Minha mãe estava realizada, pois vivia sorrindo quando falava de suas crianças.

Ela dizia que ajudar as pessoas era importante, pois tínhamos que nos colocar em seu lugar e sentir e perceber suas dores e angustias, assim vemos que sempre tem alguém passando por momentos mais difíceis que nós e sendo assim, se podemos ajudar, temos que ajudar.

Em 2.016 ela foi diagnosticada com câncer no intestino, momento de muita tristeza para todos nós. Mas como sempre de cabeça erguida ela enfrentou a doença de frente e contrariando as estatísticas, o que seria dois anos minha mãe venceu a doença por 5 anos e meio. Fazendo quimioterapia, trabalhando e fazendo o que mais gostava, estava perto de quem ela amava, sua família.

Em 17 novembro de 2.021 a doença finalmente venceu e minha mãe partiu, e como uma pluma o vento levou com a mesma leveza que a andorinha chegou ao mundo.

Elizabeth, mulher maravilhosa, com uma linda história de luta, trabalho, amor ao próximo e acima de tudo o amor por sua família, ela viveu e morreu pela sua família.